

Como foi que vim aqui parar? Oh, essa história não a consigo contar de forma breve.

Há muitos anos, afligia-me saber que os dias se perdiam em mim. Cada qual se atarefava na pouco menos do que infinita lista de tarefas diárias, sentindo-se curto para a extensão do feito, e só eu não contribuía de forma nenhuma para este jeito coletivo de o mundo avançar. Tinha tempo e não percebia a fortuna.

Como foi que vim aqui parar... Queres mesmo saber?

Quando a minha mãe morreu, e me despediram do Salão, recebi tanto tempo livre que não sabia onde o pôr, a quem o dedicar, o que fazer com ele. Naquela altura, se bem me lembro, a minha única

ambição era aprender a andar devagar. Queria poder olhar as coisas e pensar nelas de forma completa e sem interrupções.

Tinha nascido e crescido ali, na cidade, nunca tinha tido meios para viajar — ou a minha mãe nunca tinha tido a paciência. Cresci com fantasias de mar, praia e casas de campo com piscina, das histórias outonais dos meus colegas de escola que regressavam das férias mais altos, sadios e de pele tostada. Mas foi só em adulta, quando dei por mim a sós com a cidade, que a vi como nunca a tinha visto antes — e a cidade era tudo o que eu jamais havia visto. Saía de manhã cedo e passeava até cair o dia. Qualquer direcção era destino. O gosto que ganhei a estes trajectos compensou o evidente: ia porque não tinha para onde ir, nem ninguém a visitar.

A orfandade não me deixou desamparada. Herdei um exíguo apartamento nos subúrbios. Era tórrido no Verão e ártico no Inverno, mas tinha as dimensões justas para mim. A minha mãe, que Deus a tenha — habituei-me à expressão mesmo não sendo crente —, nunca me deu nada em vida, mas ao morrer deixou-me um refúgio. Digo *que Deus a te-*

*nha*, porque lhe acrescento, entredentes, «e que fique com ela».

O meu pai nunca o conheci, nem nada sei dele. Um assunto tabu. Todas as famílias têm os seus, e a morte dela chega como garantia de que nunca lhe farei as perguntas que toda a vida desejei fazer. Também não tive irmãos. Nem filhos, nem tios, nem família afastada, daquela que vive na terra, que se visita em fins-de-semana prolongados e nas festividades. Se existem, foram sendo repelidos pelo mau génio da minha mãe. Era uma mulher amarga, com o olho preso ao defeito, preconceituosa, lesta a arrasar. Morreu jovem, com cinquenta e dois anos, mas com aparência de velha. Se fecho os olhos, ainda vejo o seu rosto repuxado e esquálido, as olheiras polposas. Sinto-lhe o cheiro acre e mofado.

Nunca nutri qualquer raiva, malgrado a sua impiedade. Empenhei-me em imaginar o que podia ter acontecido que arraigara nela tamanha amargura. Guardei a nostalgia pela mãe que ela nunca soube ser, e habituei-me à companhia dos meus sentimentos mais soturnos como de um gatinho que aquece o colo e não exige demasiado. Uma tristeza que ronrona.

Já no Salão, em contraste, era tudo alvoroço e alegria. Trabalhei no Salão mais concorrido do bairro, daqueles a que não adianta vir sem marcação, e onde nunca dá para marcar para a própria semana. Havia uma colega só para atender as clientes ricas da zona norte e escrever os seus nomes de duplo apelido numa agenda encadernada a napa. Essa era a que tinha estudos, a que sabia falar correctamente. Também para cuidar das mãos e dos cabelos se exigiam cursos, daqueles que entregam diplomas que as minhas colegas ostentavam, emoldurados, nas paredes do Salão. As poucas que não os tínhamos, éramos as que lavávamos cabeças. Eu pouco me ralava com hierarquias: gostava de mexer na água morna, do gesto desenvolto com que se cinge um turco à cabeça das clientes. Gostava de trabalhar no Salão.

A minha mãe dizia que era uma sorte uma burra como eu ter encontrado um emprego daqueles. Azucrinava-me, que a qualquer momento se livrariam de mim: «Lavar cabeças, qualquer uma lava.» Eu garantia-lhe que era boa no que fazia, as clientes gostavam de mim, estava prestes a passar a efectiva. Mais do que isso, tinha reparado que as colegas, depois de três anos, passavam a contrato, parece até

que está na Lei. Faltava pouco para eu completar a minha trienal de cabeças lavadas, milhares se as tivesse contado, uma auto-estrada de couro cabeludo. Iria finalmente ter um feito do qual me orgulhar, algo com que amansar a língua viperina da minha mãe. Só que, numa derradeira malvadez, ela morreu antes de eu completar os três anos. Ao entrar em casa e encontrá-la hirta, de cabeça tombada, boca lassa de batráquio estrangulado, o meu primeiro pensamento foi: «Ela não me vai ver eu ficar efectiva.» Sim, na altura expressava-me assim. Era muito inculta, e infeliz com isso.

Na manhã seguinte, quando cheguei ao Salão, a Dona chamou-me para uma salinha dos fundos onde as colegas trocavam de roupa ou comiam os restos engordurados do jantar da noite anterior, que traziam em *tupperwares* de cores garridas. Disse-me que não precisava de voltar, que tinha «extinguido» o meu posto de trabalho. Ora, eu desconhecia a palavra «extinguido» e não percebi o que estava a suceder. Respondi: «A minha mãe morreu.» Nem sei porque o disse, que falta de decoro; podia em vez ter perguntado: «O que quer dizer extinguido?» E então ela diria: «Que não há mais,

que acabou» e aí, sim, teria feito sentido dizer «é como a minha mãe, também extinguiu».

A Dona pediu que me fosse, que não voltasse, repetia que o meu trabalho já não existia. Como não, se estão ali duas meninas a lavar cabeças? Se há tantas cabeças no mundo por lavar e isso não vai mudar nunca? Varreu-me dali como às pontas espigadas dos cabelos das clientes.

Não recordo sequer como cheguei a casa nesse dia. Recordo-me de ter acordado tranquila, na manhã seguinte, ao pensar que podia simplesmente ficar quieta. Que diferença faz? Que diferença faz estar no mundo e mexer coisas de um lado para o outro, ou estar onde se estiver, só sendo? Porque insistimos em cortar o cabelo se volta a crescer, ou em lavá-lo se volta a sujar-se? Senti um enorme alívio.

Talvez fosse a casa o que não me permitia serenar. Os objectos convocavam-me, a minha mãe recusava-se a partir. Revi as duas divisões com olhos de renovação, imaginando formas de as actualizar à minha imagem, mas não conhecia o suficiente acerca de mim própria para saber como o reflectir num conjunto de utensílios, disposição de móveis ou de cores. Sabia que era burra e ignorante, porque esses